

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



OMAN, Charles (Muzaffarpur, 1860; Oxford, 1946)

O historiador, professor universitário e político britânico Charles William Chadwick Oman dedicou-se a um largo leque de tópicos historiográficos, sobretudo ligados à história medieval, mas ficou célebre principalmente pela sua monumental história da Guerra Peninsular, em sete volumes.

Oman nasceu na Índia britânica, filho de um proprietário agrícola, Charles Philip Austin Oman, e de Anne Chadwick. A sua família parece ter tido alguns meios. O jovem Charles foi educado em Inglaterra, no Winchester College, antes de frequentar a Universidade de Oxford, onde estudou com o historiador William Stubbs. Em 1881, depois de se ter graduado, tornou-se *fellow* do All Souls College de Oxford, onde permaneceria durante o resto da sua carreira académica e do qual foi também bibliotecário. A partir de 1900, começou a lecionar a cadeira “Chichele” de História Moderna em Oxford, primeiro como substituto, passando a detentor efetivo da cadeira aquando da morte do seu predecessor, em 1905.

O historiador foi também membro da British Academy e exerceu funções de presidente da Royal Historical Society, da Numismatic Society e da Royal Archaeological Institute. Durante a Primeira Grande Guerra, já sem idade para combater, serviu a sua pátria a partir de Londres, no Press Bureau e no Foreign Office. Viria a ser feito cavaleiro. Casou, em 1892, com Mary Maclagen, de quem teve três filhos.

Politicamente, Oman pertencia ao Partido Conservador inglês e foi por essa força política que ingressou o Parlamento, representando o círculo eleitoral da Universidade de Oxford, entre 1919 e 1935. Nas suas curtas “memórias” (publicadas em 1933), o historiador revela uma clara antipatia por regimes republicanos como o que se instaurou em Portugal em 1910 e um certo apreço por Benito Mussolini.

Enquanto historiador, a sua produção abrangeu diversos tópicos. A sua área de eleição parece ter sido a história militar, redigindo obras sobre a arte da guerra na Idade Média e no período napoleónico. Mas publicou também uma história de Inglaterra e outra do império bizantino, uma obra sobre a Europa na Alta Idade Média, várias monografias sobre temas da história inglesa, um estudo sobre personalidades da república romana, etc. As únicas obras em que toca a temática da história portuguesa são as ligadas à Guerra Peninsular: *Wellington's Army*, na qual analisa a composição das forças deste general, e no seu volumoso relato do conflito.

Esta última obra pauta-se pela extensão e completude da pesquisa que o historiador levou a cabo. Oman

recorre a um número muito alargado de fontes, de despachos, memorandos, correspondência militar e outros documentos oficiais a diários de campanha e obras memorialísticas, que os participantes das guerras desse período publicaram em grande número. A sua leitura destes relatos é eminentemente crítica e intercruzada; juntamente com as fontes inglesas e aliadas analisa também as do “inimigo” francês. Uma pesquisa tão completa permite-lhe conferir à sua obra um nível elevado de detalhe. Assim, apresenta relatos muito precisos das várias campanhas, das movimentações e manobras das tropas – não apenas das que tiveram lugar, mas inclusive as que foram apenas planeadas, examinando as causas de terem ou não sido levadas a cabo. Inclui igualmente descrições pormenorizadas da composição dos exércitos (com o Autor a apresentar, em tabelas, extensos dados quantitativos), a sua organização hierárquica e a logística envolvida. Oman destaca que a infantaria desempenhou o papel mais central nas forças aliadas, pelo que lhe dedica maior atenção. Comparativamente, segundo este historiador, a cavalaria foi de menor utilidade e a artilharia não estava presente em tão grande número como do lado francês. Juntamente com os fatores puramente militares, são analisadas as movimentações políticas (em Londres, Paris, Lisboa e Madrid) com consequências para a Guerra e procura retratar o carácter das principais personalidades envolvidas, como o próprio Wellington ou os generais franceses Soult e Massena.

Finalmente, ao narrar as batalhas travadas e as táticas nelas empregues, Oman é tão extenso e detalhado como nas restantes secções da sua obra. Aqui, contudo, estudos posteriores vieram provar que Oman comete erros recorrentes na descrição dos eventos. Segundo a sua tese, os oponentes nas Guerras Peninsulares defrontavam-se seguindo quase invariavelmente as mesmas formações de combate: colunas francesas contra linhas inglesas (e aliadas). A superioridade tática da linha sobre a coluna (cuja descoberta o Autor atribui ao génio de Wellington) é apresentada como uma das chaves da vitória britânica no conflito. Ainda segundo esta tese, as escaramuças “corpo-a-corpo” entre as infantarias só raramente teriam lugar. Análises mais cuidadosas das fontes revelam que os franceses não combatiam rigidamente ordenados em colunas, mas que utilizavam esta formação sobretudo para marchar, após o que o combate se travava na forma de cargas e escaramuças. As causas dos triunfos aliados serão outras.

Uma das maiores qualidades do estudo deste Autor é o seu domínio da geografia peninsular. Oman viajou várias vezes por Portugal e Espanha para visitar os campos de batalha, estradas percorridas e fortalezas sitiadas. Estas visitas conferem-lhe uma maior compreensão das campanhas, dos combates e das dificuldades que estes apresentavam – inclusive devido ao desconhecimento profundo que os próprios invasores tinham dessa geografia, no caso português, e que pagaram duramente. As suas observações do território levam-no a concluir que existe uma divisão geográfica pronunciada entre os espaços português e espanhol, composta não por rios ou cordilheiras e sim pelas áreas fronteiriças semidesertas e quase desabitadas. Ponderando o peso desta realidade no fracasso das Invasões Francesas, bem como noutras guerras da história portuguesa, o Autor conclui que o fator geográfico foi de suma importância para a contínua existência de Portugal como nação independente, juntamente com o espírito e “coragem” dos seus nacionais.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

De um modo geral, Oman apresenta uma visão positiva do povo português e do seu papel no conflito napoleónico, ao lado dos britânicos (embora estes últimos lhe mereçam os maiores elogios). Crítico de historiadores seus compatriotas que menosprezaram o papel dos aliados, o Autor realça as provas e dificuldades que Portugal sofreu às mãos do invasor e os sacrifícios que a população teve de fazer em prol da sua defesa (nomeadamente, devido à política de terra queimada de Wellington). As derrotas iniciais das forças portuguesas são explicadas por este historiador como resultantes do estado de desorganização e descuido em que o exército português se encontrava no início do século XIX. Mas uma vez reorganizados pelo Marechal Beresford e incorporados nas forças de Wellington, os militares portugueses (em particular a infantaria) deram repetidamente provas de valor e mérito, tanto na defesa do seu país como na campanha subsequente em Espanha e França. Também o papel das forças não regulares, a Ordenança (sobre cuja organização, todavia, o Autor se engana) e as milícias, é salientado e elogiado, sobretudo pelas ações de guerrilha que levaram a cabo e que enfraqueceram consideravelmente os exércitos franceses. Por outro lado, tece com frequência críticas às chefias portuguesas, em particular ao Conselho de Regência.

Oman considera que vários outros autores que trataram o tópico da Guerra Peninsular antes de si, em particular William Napier, não possuíam distanciamento suficiente para uma correta análise histórica e que os seus trabalhos denotam parcialidade ou falta de conhecimento de conjunto. Pretende ser, por isso, uma alternativa mais neutra e desapaixonada a esses antecessores e em certa medida consegue-o: embora revele alguma antipatia pela figura de Napoleão, não hesita em salientar os momentos em que os generais franceses se destacaram pela positiva na sua estratégia ou conduta. Do mesmo modo, o seu patriotismo não o impede de referir os erros e insucessos dos combatentes britânicos, ou os saques e violências por eles cometidos. Procura igualmente avaliar com justiça os líderes das forças britânicas, pondo em evidência tanto as suas qualidades como os defeitos. Oman revela, contudo, uma talvez excessiva admiração pelo duque de Wellington, pelo menos enquanto estratega e comandante, que o leva a tentar justificar todas as suas decisões e a defendê-lo de todos os críticos. Finalmente, quando aborda a política interna inglesa, denuncia por vezes o seu partidarismo pró-conservador e anti-*whig*.

Charles Oman faleceu em 1946. Apesar de ultrapassada em vários pontos, como foi referido, a sua *History of the Peninsular War* mantém-se uma obra de referência sobre o conflito, ainda citada no presente.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia ativa

OMAN, Charles, *A History of the Peninsular War*, 7 vols., Oxford, Clarendon Press, 1902-1930; *Wellington's army, (1808-1814)*, Londres, Edward Arnold, 1912; *Things I have seen*, Londres, Methuen, 1933.

Bibliografia passiva

NOSWORTHY, Brent, *With Musket, Cannon and Sword Battle Tactics of Napoleon and His Enemies*, Nova Iorque, Sarpedon, 1996; ARNOLD, James R., "A Reappraisal of Column Versus Line in the Peninsular War", *The Napoleon Series*, 2004. [Consult. 28 de Agosto de 2025] Disponível em: https://www.napoleon-series.org/military-info/organization/maida/c_maida4.html.

Mateus Reis

Tiago Seixas dos Santos